

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

NATÁLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

**A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA FRENTE À CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DA MULHER LÉSBICA**

Paracatu

2022

NATÁLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA FRENTE À CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DA MULHER LÉSBICA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia social

Orientadora: Prof^aMsc. Ana Cecília Faria

Paracatu

2022

NATÁLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA FRENTE À CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA DA MULHER LÉSBICA

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia do Centro Universitário Atenas,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a Msc. Ana Cecília Faria

Banca Examinadora:

Paracatu-MG, 20 de maio de 2022

Prof.^a Msc. Ana Cecília Faria

Centro Universitário Atenas

Prof.^a Analice Aparecida dos Santos

Centro Universitário Atenas

Prof.^a Alice Sodré dos Santos

Centro Universitário Atenas

AGRADECIMENTOS

Ao início do findar de mais um ciclo, venho deixar a minha gratidão primeiramente aos meus pais, Elson Ferreira e Vanda Oliveira, por respeitarem a minha individualidade acima de tudo.

Segundamente, ao meu grupo pelo qual tenho imenso apreço: Amanda Assunção, Edriana Castro, Jéssica Vila Real, Kiany Goes, Lorraine Cristine, Michelle Dalosto e Sara Lopes. Sem nós oito essa caminhada não teria nenhuma graça.

Aos docentes, por toda dedicação durante esses cinco anos, espero conseguir ser a profissional que enxerguei em cada um.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Msc. Ana Cecília Faria, pelo suporte e paciência nesses dois períodos de produção.

E por fim, agradeço a mim, por permanecer pela mulher que sou e por quem caminho para me tornar.

Se você tem medo do amor, você tem coragem de quê?
(Desconhecido)

RESUMO

A construção identitária da mulher é atravessada à sua existência em conjunto com as suas particularidades já inatas, a constituindo assim, enquanto sujeito. Por serem fatores moldados a partir da estrutura patriarcal e reforçados diariamente desde o nascimento da mulher, as vivências sociais podem vir a ser postas de lado devido os fatores sociais impostos, afastando as perspectivas que vão além da heteronormatividade. Como consequência, esses fatores afetam os níveis psíquicos e o social feminino ao ser deixado a deriva o trajeto histórico da lesbianidade e seus desdobramentos, reforçando o apagamento da existência lésbica.

Palavras chave: Construção identitária. Mulher lésbica. Patriarcado. Machismo. Heterossexualidade Compulsória

ABSTRACT

The woman's identity construction is crossed to her existence together with her already innate particularities, thus constituting her, as a subject. By factors of social factors, molded from the patriarchal structure and reinforced daily from the birth of the woman, the social experiences can turn out to be put aside due to the imposed social factors, shaping the perspectives that go beyond heteronormity. As, the factors responsible for her age are predicted and are related to the future of existence

Keywords: *Identity construction. Lesbian Woman. Patriarchy. Chauvinism; Compulsory heterosexuality.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PROBLEMA.....	11
1.2 HIPÓTESES.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL	11
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.4 JUSTIFICATIVA DE ESTUDO	11
1.5 METODOLOGIA DE ESTUDO	12
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 NUANCES DA IDENTIDADE DA MULHER NA SOCIEDADE.....	14
3 FATORES SOCIAIS COMO INVISIBILIZADORES DA EXISTÊNCIA LÉSBICA ..	17
A PSICOLOGIA FRENTE Á LESBIANIDADE	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Apesar de todas as mudanças ao longo dos séculos, a distinção entre os sexos ainda é presente na sociedade e tem o mundo exterior fortemente marcado pela presença masculina. Esses fatores sociais são reforçados desde a infância, onde as meninas são estimuladas a cuidar da casa e de seus familiares através das brincadeiras como forma de preparo para que futuramente a mulher ao entrar em um relacionamento hetero afetivo, formado por homem e mulher, ela saiba manter esses papéis.

A construção identitária tem sua formação a partir do meio social no qual o ser humano está inserido, sendo visões socialmente e culturalmente geradas e internalizadas através das gerações. Por meio dessa afirmação, Simone de Beauvoir em seu livro “O segundo sexo” publicado em 1949 defende que não se nasce mulher e sim se tornava uma, onde a construção do gênero é determinada pela perspectiva masculina como forma de controle e submissão, e por isso os seus papéis eram limitados e voltados para a satisfação dos homens. Em virtude dos aspectos sociais reproduzidos no cotidiano que desconsideram a orientação sexual das mulheres para além do padrão esperado ser o heteronormativo, a construção identitária da mulher é então pautada ao redor dessas normas patriarcais. Esses paradigmas contribuem de forma negativa frente ao entendimento da mulher enquanto lésbica, visto que grande parte da sua vida foi marcada por imposições que iriam contra a homossexualidade, podendo então ser um gatilho para conflitos internos e externos.

A revolução de Stonewall, em 1969 na cidade de Nova Iorque foi o estopim para que houvesse um olhar mais agressivo e necessário em cima das causas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e + englobando as demais orientações sexuais e identidade de gênero). Ocorrido no dia 28 de junho, dragqueens e travestis foram detidas bruscamente por policiais devido às suas vestimentas não adequadas de acordo com a lei e com seus gêneros. Consequente dessa ação, a multidão começou a reagir com garrafas, fogo e pedras dentro e fora do estabelecimento.

Nomes como Marsha P Johnson e Sylvia Rivera (1969), foram marcantes

neste dia e a repressão foi o gatilho para que começasse uma série de revoltas que logo se espalharam por todo o país e tomaram conhecimento pelo mundo. As ativistas, que já eram conhecidas por seus protestos, foram responsáveis por cobrar sobre os direitos dos homossexuais principalmente dos negros, latinos e transexuais, trazendo à tona exigências em cima da identidade de gênero. Com infelicidade, as demandas foram reconhecidas após suas mortes, deixando um legado reconhecido, aprimorado e respeitado por todos.

O acontecimento em Nova Iorque foi crucial para estimular as lutas inclusive no Brasil durante a ditadura militar com pautas que incluíam o fim da cura gay, a criminalização da homo-bi-lesbo-transfobia, o questionamento da homossexualidade como doença pela OMS, casamento civil e adoção. Concomitantemente ao movimento LGBTQIA+ que tomava força, o movimento lésbico começou a se estruturar através da dicotomia com o feminismo e aprimorou a sua consolidação após a manifestação feita na cidade de São Paulo no dia 19 de agosto em 1983 no Ferro's bar, local no qual as lésbicas responsáveis pela produção de uma revista independente conhecida como ChanacomChana foram proibidas de frequentar, ocorrendo assim um protesto na cidade responsável por datar o dia nacional do orgulho lésbico.

Alicerçado com a história que buscava por mudanças, diversos autores começaram cada vez mais a estudar, publicar e defender a diversidade de gênero e abranger as pautas LGBTQIA +, inclusive a respeito da heterossexualidade compulsória. Esse termo foi utilizado por Adrienne Rich em 1990, ao pontuar que a heterossexualidade é uma instituição política e de controle dos homens para com tudo que fugia do normal e imposto por eles, principalmente sobre as mulheres, tratando as reações contrárias como algo patológico e que deveria ser repreendido por ameaçar a família, a religião e o estado.

Portanto, esta discussão busca por compreender o quão esses fatores afetam as mulheres em níveis psíquicos e sociais e quais são os seus contribuintes para que eles continuem sendo reforçados dentro de um meio dito progressista, mas que fortalece com o apagamento da existência lésbica. Por fim, através dessa reflexão, será possível analisar o motivo dessas crenças em cima da homossexualidade enfatizando que não é algo a se escolher e sim inato ao ser humano, a fim de emponderar as mulheres.

1.1 PROBLEMA

Quais fatores sociais influenciam a heterossexualidade compulsória frente a construção identitária da mulher lésbica?

1.2 HIPÓTESES

Acredita-se que as estruturas heterossexistas reforçadas por meio sócio-histórico-cultural na qual a mulher está inserida são repassadas através das gerações. Sendo impostas a partir do seu nascimento, tornam-se determinantes às mulheres e as suas representações perante a comunidade. Através de todas essas estruturas que transpassam a sua vida, ela se torna dona de um destino pré-determinado pautado em casamento, filhos e estudos como uma opção mais distante. A partir do evidenciado, não é possível ignorar todas as mudanças advindas das lutas sociais. Portanto, a hipótese levantada por esta pesquisa é pautada em como esses fatores sociais, consequentes de algumas mudanças com o tempo, continuam delimitando o dia a dia e reforçando a heterossexualidade compulsória em mulheres lésbicas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como os fatores sociais reforçam a heterossexualidade compulsória frente a construção identitária da mulher lésbica

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar a formação da construção identitária da mulher na sociedade.
- b) Identificar como os fatores sociais reforçam a heterossexualidade compulsória.
- c) Apresentar os desdobramentos da Psicologia diante a lesbianidade.

1.4 JUSTIFICATIVA DE ESTUDO

Embora as novas formações familiares estejam em constantes reconstruções distintas da constituída por apenas homem e mulher, as mesmas

coexistem com a resistência por parte da família tradicional que baseia seus costumes no conservadorismo patriarcal. Por esta razão, faz-se necessário a exposição acerca dessa problemática como forma de reflexão sobre o espaço da mulher na sociedade já estruturada e sobre possíveis adaptações indispensáveis em busca da igualdade entre os sexos. Diante essa exposição, esse trabalho tem como intuito dissertar sobre essa organização na qual o privilégio, que deveria ser via de mão dupla, é de fato uma pirâmide que desde a sua construção permanece beneficiando apenas uma classe: o homem branco hétero da elite e algumas mulheres, também dentro de suas limitações, sendo elas também brancas hétero da mesma classe social, apagando a existência das diferenças, como a de mulheres lésbicas. Por isso, torna-se necessário compreender a hierarquia e o seu constructo social como um todo por meio das suas partes, sendo consequente para o entendimento de como a mulher lésbica é afetada durante a sua vida devido aos fatores que prejudicam sua autoaceitação e contribuem para o reforço da heterossexualidade compulsória.

1.5 METODOLOGIA DE ESTUDO

“Pesquisa bibliográfica: elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54)

Sendo assim, o presente trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica do tipo descritiva com caráter qualitativo, sendo baseado em artigos e trabalhos acadêmicos retirados do Google Acadêmico, revistas científicas e artigos publicados pelo Scielo. Possuindo como buscas principais: heterossexualidade compulsória, construção identitária por meio do gênero, mulher lésbica na sociedade, estrutura patriarcal e o conceito de família ao longo do tempo.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro desses referentes a introdução, retratando de forma generalizada sobre a temática a ser esmiuçada no decorrer da monografia.

O segundo caracteriza em analisar a formação da construção identitária da mulher na sociedade através de um apanhado histórico, que estão em constante reconstrução e influenciam de forma direta e individual.

O terceiro se atenta em identificar como os fatores sociais que reforçam a heterossexualidade compulsória nos dias atuais e invisibilizam a existência lésbica.

O quarto aborda a Psicologia frente à lesbianidade, expondo o trajeto da Psicologia desde a sua firmação enquanto ciência à atualidade através da análise histórica.

E por fim, o quinto trata das considerações finais acerca do trabalho, informando a importância da reflexão simultaneamente à compreensão do sistema para que haja assim a ruptura da mulher de suas amarras sociais.

2 NUANCES DA IDENTIDADE DA MULHER NA SOCIEDADE

De acordo com Toledo e Pinafi (2012) a estruturação da construção identitária transpassa o indivíduo e se modifica no decorrer das suas vivências, e apesar da influência social, suas demandas são de caráter individual.

Para Gilberto Velho(1994) a formação da identidade parte do pressuposto de não ser determinada ao seu nascimento e apesar das influências biopsicossociais e da sua individualidade, a construção identitária é de caráter múltiplo e se modifica ao longo da vida, logo, os sujeitos vivem diversos papéis impossíveis de serem comparados de forma linear e em conjunto.

Nesse sentido e mesmo diante a todas as modificações advindas das lutas sociais em prol de um conjunto de ideais, é preciso que a construção identitária da mulher na sociedade seja considerada por meio de um olhar amplo, pois mesmo que se mantenha pautada em uma estrutura conservadora que afeta a todas as mulheres, as demandas individuais são distintas.

Portanto, ao abordar como essa estrutura se organiza é necessário ponderar as diversas identidades no constructo feminino, visto que as necessidades partem de diferentes fatores, os quais são reforçados na teoria de Stuart Hall (1999, p. 9).

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Embora a singularidade seja importante para a compreensão da identidade da mulher, como aponta Guattari e Rolnik (1996), as autoras abordam que não há como ignorar o fato de que ela se constitui em cima de uma estrutura já pré-determinada pautada no modelo patriarcal, independente da classe social, raça e até idade que mesmo interagindo entre si, são definidas pela norma e denominadas pela percepção do outro, independente de todas as mudanças.

Ao retratar sobre as nuances incorporadas à identidade da mulher na sociedade, as mesmas partem da análise quanto às especificidades de cada uma. Toledo e Pinafi (2012) afirmam que o processo da construção da identidade é moldado a partir dos fatores sociais e culturais na visão masculina, e para entender sobre as dimensões que as interferências resultam perante seus confrontos externos

e interno é preciso ter noção em como essas organizações afetam direto e indiretamente nas respostas diante as circunstâncias diárias.

A consideração da identidade que atende somente o aparente inserido na estrutura é coadjuvante para que as outras existências sejam apagadas. As diversas facetas devem ser postas de acordo com Hare-Mustin & Marecek (1990), visto que a compreensão acerca dos processos acometidos à realidade da mulher que se identifica como heterossexual é distinto da mulher inserida no mesmo sistema, mas que se identifica como lésbica.

Ambas as realidades entram em conflito quando postas em comparação justamente pela dualidade das histórias. Defendido por Crawford (1995), assumem para si próprias papéis pautados no heteronormativo, logo a mulher heterossexual mesmo que insatisfeita com o sistema ainda se encaixa no modelo heteronormativo esperado, enquanto a mulher lésbica precisa entender seus processos internos, contestar quanto às expectativas alheias impostas a ela e se reafirmar diante das suas tomadas de decisões expressas a partir da pessoa que é.

Nessa perspectiva, não há como ignorar também os abismos existentes quanto às necessidades entre as mulheres lésbicas, pois partindo no mesmo princípio dos obstáculos que são pautas dentro da heterossexualidade feminina em conflito com o não reconhecimento da lesbianidade frente aos mesmos, há também o não reconhecimento entre as pautas levantadas na comunidade como um todo, defendido por Rabay e Carvalho (2011).

Dentro da sexualidade, possuem mulheres que também precisam levantar simultâneas bandeiras, como quanto a sua cor, a sua raça e também às diferenças econômicas, defendido por Rabay e Carvalho (2011).

A necessidade de colocar o feminismo e as pautas levantadas pela heterossexualidade em um patamar diferente das críticas trazidas pelas lésbicas é um fator pontuado por Rich (2010), para ela, as mulheres heterossexuais não se percebem dentro de suas próprias opressões, e por isso, continuam perpetuando a estrutura machista através de suas escritas, leituras e ensinamentos.

A construção da identidade da mulher na sociedade, enfatizando a mulher lésbica, deve se pautar na reconstrução diária e na auto-afirmação perante a sociedade machista que espera a submissão feminina, sendo produtora de sua própria narrativa discursiva, sem o intuito de criar a própria verdade, mas sim,

interrogar os sentidos que constituem e fortalecem essas relações sociais, defendido por Joan Scott (1992).

3 FATORES SOCIAIS COMO INVISIBILIZADORES DA EXISTÊNCIA LÉSBICA

O conceito de heteronormatividade foi exposto pela primeira vez pelo Michael Warner (1991) para definir uma prática que privilegia relações heterossexuais como primordiais, tornando repulsivas todas as práticas que vão contra. Apesar de cada vez mais ocupar seu local de fala com produções científicas e posicionamentos sociais, a existência lésbica ainda assim é invisibilizada quando posta a frente o coletivo ao ser equiparada ao indivíduo homossexual.

Para Warner, a heteronormatividade é responsável por reforçar os estereótipos de gêneros reduzindo o indivíduo quanto ser biológico ao reforçar percepções em cima da masculinidade e feminilidade, sendo determinante para pontuar sobre os papéis exercidos para com a sociedade, e dessa forma, mantendo a hierarquia estrutural composta pelo homem e pela mulher.

A denominação da mulher como o sexo frágil garante a supremacia do sexo masculino perante o feminino, segundo Boris e Cesídio (2007), a priori são estendidos à mulher afazeres domésticos e o procriar como vontade inerente ao gênero, enquanto o homem mantém a casa e garante a segurança da sua família.

Fatores esses são reforçados durante a infância e perpetuam durante a vida da mulher por meio de cobranças vindas normalmente como comentários de familiares ou pessoas próximas, ignorando a orientação sexual como inerente ao ser humano caso não supra as expectativas da sociedade marcada pela heterossexualidade compulsória, apontado por Toledo e Filho (2010).

Por estarem inseridas no meio heterossexual, experiências ou vontades podem vir a ser reprimidos, podendo acarretar danos internos que tendem a ser psicossomatizados em algum momento da vida. Sendo bem aceitas apenas quando colocadas como fetiche por parte do homem, em prol da sua satisfação, como pontua Tatiana Vieira (2013).

Esses empecilhos acabam estreitando a abertura às mulheres para falarem sobre o assunto resultando no apagamento quanto as suas demandas existenciais enquanto mulher lésbica, atitudes que refletem sua vida quanto aos seus processos internos quanto externos, ao limitar os serviços de saúde na sociedade para sanar dúvidas. Segundo Michel Foucault (1988, p. 16).

[...] levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o "fato discursivo" global, a "colocação do sexo em discurso". Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quaseimperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano—tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas também, de incitação, de intensificação, em suma, as "técnicas polimorfos do poder".

Em conjunto aos fatores sociais que anulam a existência lésbica, o fato da estereotipação quanto às mulheres que se relacionam com outras mulheres precisarem assumir um posicionamento que se afasta da feminilidade ainda é muito presente na realidade. A necessidade de uma exercer o papel masculino para se impor na sociedade e possuir assim a sua orientação sexual validada, garantindo através das atitudes, a comprovação quanto a satisfação. De acordo com Britzman (1996, p. 74),

"nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção, pois toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada".

A família é o primeiro meio de interação que acontece para com o sujeito, e por ser primeiro contato que se obtém. Sendo um dos principais pilares para que seja reforçado sobre a identidade da mulher na sociedade e o que se espera do sexo feminino no decorrer das suas experiências até o findar da sua vida. Furtado (2003) pontua que o núcleo familiar é fundamentado em princípios pautados na pirâmide que garanta o poder.

A partir da cultura inserida a mulher vai se encaixando em seus papéis de acordo com os discursos internalizados, que antes foram aprendidos com seus pais e assim sucessivamente, se tornando meros comportamentos reproduzidos e repassados (Sarti, 2000).

Mesmo com todas as interferências externas, França (2004) relata que o sujeito está se livrando das amarras sociais, visto que as causalidades teológicas estão sendo cada vez mais questionadas e modificadas.

Apesar de toda a repressão diante a sexualidade, de acordo com Sales (1988) os pais da geração atual foram os jovens que vivenciaram o auge das mobilidades sociais quanto às questões sexuais da mulher, interferindo também nas

suas percepções do mundo ao verem os padrões antes considerados rígidos e inflexíveis sendo questionados e reelaborados.

A religião possui uma grande influência quanto a formação da percepção que o sujeito tem diante do mundo e de si. Como forma de controle, a igreja manteve o tabu em cima da sexualidade, desde a castidade a homossexualidade, reforçando a repulsão daqueles que demonstravam o oposto, principalmente quanto à sexualidade, sendo ela homoafetiva e até mesmo heteroafetiva, conforme Richard Miskolci (2009, p. 156):

“a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto”

Nesse contexto, a mulher lésbica passa a assumir uma identidade terceirizada, pautada nos fatores sociais heteronormativos subjugada ao desejo do homem com traços fixos e universais, disposta a se submeter ao não reconhecimento de si própria ao assumir tais papéis identitários.

Usadas como ferramentas para manter o poder, o Estado perpetua com esses discursos através da sua estrutura patriarcal e conservadora. Mesmo diante a tantas mudanças, a constituição da mulher enquanto sujeito ainda é pautada nos olhares masculinos desde a sua criação de natureza submissa que reforça uma personalidade passiva, amorosa e carismática à construção do seu futuro que se resume a constituição de uma família tradicional com filhos e afazeres domésticos.

A lesbianidade então se torna um fator prejudicial às estruturas da ordem vigente, que de acordo com Foucault (1985) o controle sobre o social e o político só se dava através do controle sobre o corpo e da sexualidade.

Portanto, percebendo a identidade sexual como algo possível de transformações quando pautada nas estruturas normativas que sujeitam o indivíduo a permanecer em determinado padrão a ser seguido, segundo Navarro- Swan (2004) urge a necessidade da percepção dessas estruturas para que, além de se reconhecer em seu próprio discurso, seja capaz de se posicionar enquanto corpo político possuinte de individualidade própria, compreendendo a heterossexualidade compulsória como um discurso de poder concentrado nas mãos dos homens.

4 A PSICOLOGIA FRENTE À LESBIANIDADE

Apesar de a Psicologia ter se consolidado como ciência em 1879 com o laboratório de Psicologia Experimental de Wilhelm Wundt, foi apenas em 1962 através da lei de nº 4119 que a profissão foi regulamentada no Brasil. De acordo com Isaias Pessotti (1988) a história da Psicologia no Brasil deve ser dividida em quatro momentos para melhor compreensão acerca do seu percurso até a sua consolidação: Pré-Institucional; Institucional; Universitário e Profissional.

Sendo de suma importância para a compreensão da mesma visto que o autor defende a indispensabilidade da valorização da própria história, apesar das influências externas e deixando de lado o sentimento de que apenas a ciência vinda de fora é fidedigna com o intuito de cultivar o sentimento de valorização quanto a ciência produzida no Brasil

A pluralidade e inserção da ciência executada a partir da realidade local permite com que aconteça a aproximação para com o ser humano. Segundo Silvia Lane (1984), não há a possibilidade de analisar o sujeito sem considerar as suas perspectivas culturais e históricas, pois esses são aspectos primordiais para a compreensão das suas condutas.

Coexistente a demanda de fazer uma ciência capaz de atender a todos, a comunidade LGBTQIA+ engata juntamente às lutas sociais pela sua posição na sociedade, a fim de cessar com os ideais que segregavam e que possuíam intuito de cura, ignorando as suas individualidades inatas. E apenas em 1999, através da lei 01/99, que aconteceu o posicionamento por parte do Conselho Federal de Psicologia (CFP), determinando como norma que atuação dos profissionais frente à orientação sexual não deveria ser tratada como doença.

Com as imposições asseguradas pela lei ocorreram mudanças também no dialeto no que se refere ao sufixo ISMO da palavra 'homossexualidade', por estar correlacionado a possuir de alguma patologia, sendo agora reconhecido como 'homossexualidade', reforçando através do significado o modo de ser do indivíduo.

Apesar das alterações desencadeadas pela Associação de Psiquiatria Americana (APA), o termo 'lesbianidade' ganha força por meio da mobilização das lésbicas brasileiras, uma vez que, mesmo diante a diversas mudanças acarretadas pelos movimentos sociais, as narrativas da medicina se mantinham pautadas no

patriarcado, reforçando o controle quanto ao corpo feminino, marginalizando a vivência lésbica, dificultando segundo Rich (1980) a compreensão enquanto mulher lésbica na sociedade, por ser posta a margem perante o machismo.

Embora a frente de seus tempos, os psicanalista Sigmund Freud e Josef Breuer (1905) ao publicarem sobre assuntos que iam à contramão da sociedade, expuseram seus trabalhos acerca do assunto pautado na fisiologia humana, o qual eram resultantes de estágios que foram bem resolvidos ou não no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, responsáveis pelo entendimento enquanto heterossexual, homossexual e lésbica. Esse posicionamento possibilitou que outros autores expusessem suas ideias em contraposição, como afirma Brousse (2015) que a constituição da mulher é moldada por meio da cultura, que são destinados ao significante “mulher”.

O caminhar da Psicologia busca acompanhar as mudanças que reestruturam a humanidade no decorrer do tempo, incluindo quanto à sexualidade e ao gênero, que apesar de serem conceitos sempre presentes na realidade do ser humano, o processo de aceitação como características inerentes ao ser humano ainda é recente e com isso, se tornam demandas significativas dentro do consultório e principalmente fora dele.

A Psicologia tradicional de cunho associativo e apolítico não se encaixava mais na sociedade que expressava progressivamente a sua pluralidade por meio das novas exigências, que na verdade sempre estiveram presentes, tomando frente quanto ao posicionamento da ciência perante a sexualidade diferente da reprodução do discurso normativo que perpetuava com a heteronormatividade. Borges *et. al.* (2013) salientam então, sobre a importância da Psicologia quanto a sua imposição, que no primórdio foi, juntamente com a medicina, pilar responsável por sustentar o discurso de controle sobre o corpo, prazeres e seus posicionamentos quanto ao heteronormativo.

Hare-Mustin&Marecek (1990) defende que a construção do gênero é um mecanismo social a fim de sustentar as diferenças nas consciências do homem e da mulher através das estruturas linguísticas que modelam e asseguram esses papéis definidos. Logo, a Psicologia Social assume um papel de suma importância, uma vez que a compreensão da subjetividade enquanto sujeito deve ser analisada dentro do meio no qual está inserido.

Ponderando a história da Psicologia e a considerando como uma ciência relativamente nova, é notório a sua lacuna quanto às produções acerca da homossexualidade, enfatizando a lesbianidade. Rich (1980) destaca que esse fator advém do apagamento da existência lésbica, pois a sexualidade feminina quando não suprem as expectativas das esferas privadas que mantem o poder, são postas à margem.

A Psicologia busca então por construir juntamente com a literatura saberes que incluam as mulheres lésbicas à deriva dos padrões heterossexuais, posto que a falta de compreensão acerca do sistema sexista é a base para a opressão e perpetuação do mesmo, sendo primordial a separação ao mencionar mulheres lésbicas e homens gays como um conjunto ao prejudicar que possuem vivências parecidas pela orientação sexual, explicado por Navarro-Swin (2004) ao abordar que essa comparação através das orientações sexuais semelhantes coloca a existência lésbica à deriva e silencia a sua história.

Ferreira (2005) salienta que esse discernimento camufla as questões particulares defendidas pelas lésbicas como forma de se imporem diante o machismo, e ao ser retirado o seu local de fala e englobado ao mundo gay de forma masculina, contribui com o ciclo de desinformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a trajetória LGBTQIA +, apenas em 1990 houve a retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais do código internacional de doenças (CID) pela Organização Mundial de Saúde. O termo havia sido revogado anteriormente pelos profissionais de Psicologia, mas foi fazer parte da resolução oficial (nº 01/1999), 09 anos depois. Sendo então reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia, foi determinante também a respeito das suas práticas perante pacientes homossexuais, os quais não deveriam ser tratados como possuintes de algum distúrbio, mantendo os princípios éticos e promovendo saúde e bem-estar das pessoas, sendo proibidos de contribuírem com a disseminação do preconceito e também de propagar com serviços voltados para a cura das homossexualidades.

Somente em 2011 que a união estável entre casais homoafetivos foi reconhecida pelo STF, legitimando a formação de uma nova estrutura familiar pelo Estado. Ainda que essas diversas estruturas existissem bem antes de serem reconhecidas pela lei e protegidas pelo Estado (resolução 175 do CNJ), as mesmas permanecem não sendo bem vistas pela sociedade por fugirem do padrão pré-estabelecido pelo tradicionalismo. Apesar da adoção de crianças por casais homoafetivos ser assegurada pela Ordem e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Prado e Machado (2008) afirmam que em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso da classe dominante fortaleceu as condutas baseadas em concepções heteronormativas, corroborando com a punição de diversos comportamentos sexuais sob a acusação de pecado, ferindo a ética e moral defendida pela igreja e perpetuada pela família tradicional.

Coexistente às lutas LGBTQIA+, o movimento feminista caracterizado por diversas ondas que se moldavam e resistiam em prol das mudanças necessárias a época, sempre levantaram a pauta sobre as circunstâncias e ocasiões do ser mulher em sociedade a fim de questionar e modificar o sistema imposto pelo olhar masculino. Como já citado, os papéis sociais dos gêneros são estruturados e mantidos de acordo com suas necessidades primeiramente biológicas, partindo do pressuposto de que padrões femininos e masculinos são esperados e seguidos sem

abertura para mudanças. Partindo dessa conjuntura, a filósofa Simone de Beauvoir (1980) questiona que ninguém nasce mulher e sim se torna uma. Os elementos biopsicosociais não definem qual a posição que a mulher assume no eixo da sociedade, mas sim as esferas elaboradas pela comunidade que resulta em uma posição do feminino em submissão ao masculino que interfere e controla toda essa estrutura e garante a posição de poder.

Em oposição a essa estrutura que limitava os prazeres do feminino, a denominada segunda onda do movimento feminista tomou força em 1970 em decorrência dos conflitos mundiais que estavam acontecendo ao mesmo tempo, criando uma dicotomia considerável entre as mulheres que se identificavam com as pautas do movimento e as mulheres que eram a favor da permanência do modelo conservador.

Por não se adequarem às demandas que as feministas em sua maioria heterossexuais traziam, as mulheres lésbicas contrapuseram a heterossexualidade como uma ideologia também imposta e que acaba sendo a base para a opressão patriarcal, já que partiam do princípio de descentralizar a ideia sobre ser mulher, ideal que similarmente partia do olhar masculino. Segundo Navarro-Swain (2010), seria necessário então a concepção de um novo espaço, o qual seria livre das estruturas patriarcais culturalmente construídas e implantadas ao nascer.

Logo, construção identitária da mulher lésbica é historicamente pautada na heterossexualidade compulsória, o que pode vir a acarretar dificuldades quanto ao sentimento de pertencimento ao social esperado podendo acometer danos quanto a saúde mental. Com a finalidade de compreender como a estrutura da identidade é delineada no decorrer da história e em como todo o processo afeta a vivência da mulher, esse trabalho tem como enfoque laborar em cima de como os fatores sociais refletem nas escolhas e ações das lésbicas contribuindo com a rejeição da sua existência. Portanto, a sexualidade da mulher como inato ao ser humano que não sofre influência masculina, a não ser pela sua compulsividade a fim de manter papéis sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Gênero, identidade, diferença. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 90-97, 2002.

ALVES, Álvaro Pereira de Melo. **Formas contemporâneas de constituição familiar**. Goiânia, 2020

BATISTA, Letícia Emilia. **Chanacomchana: Um sopro do lesbianismo nos anos de 1980**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo-Fatos e Mitos**. Difusão Europeia do Livro, Vol. 01, N.04. São Paulo, 1970.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. **A família frente a sexualidade dos adolescentes**. Acta Paul Enferm., v. 13, n. 1, p. 38-46, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução N° 001/99**. 22 de março de 1999.

DE OLIVEIRA, Marilene et al. **INVISIBILIDADE, PERCALÇOS E NUANCES DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA**. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar- ISSN 2675-6218, v. 2, n. 8, p. e28647-e28647, 2021.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. **Uma lésbica é uma mulher?**. Vozes e silêncios. 2013.

HENNING, Carlos Eduardo. **“Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade**. *cadernos pagu* (2016): 341-371.

MANO, Maíra Kubík. **As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à “ideologia de gênero”**. Salvador, 2019.

MARTINS, Flávia Ripoli. **“Lesbianidade e homossexualidade nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena: contribuições à historiografia da psicanálise**.” 2020.

MARTINS, Larissa P. **Uma análise Lésbica-Feminista sobre a Heterossexualidade Compulsória**. Revistas Unilab, Vol. 02, N. 04, Out-Dez., 2019

MORGANTE, Mirela Marin. **“Mulher, gênero e Patriarcado**.” Caderno de História. v. 9, n. 1, p.274-294, 2014.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. **“Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.”** *Psicologia & Sociedade*, v. 18; p. 49-55, 2006.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social.** 2001.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 52, p. 249-272, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Universidade Feevale, Rio Grande do Sul, Vol 2, 2013.

ROCHA, Francielle Lopes. **Invisibilidade, lesbofobia e fetichização da mulher lesbiana como violações aos direitos da personalidade e aos direitos fundamentais.** 2017.

SAVIANI, Demerval et al. **“Política educacional e formação profissional do psicólogo”** *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 4, p.24-33, 1984.

SCHWADE, Elisete. **Heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano: diálogos.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, N. 05, 2010, pp 17-31.

VIEIRA, Josênia Antunes. **“A identidade da mulher na modernidade.”** *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 21, n. SPE, p. 207-238, 2005.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R. ROSA, Francisco Heitor da. **A construção social dos papéis sexuais femininos. Psicologia: reflexão e crítica.** v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

DO AMARAL DANTAS, Bruna Suruagy. **Sexualidade, cristianismo e poder.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 10, n. 3, p. 700-728, 2010.

GONÇALVES, Joyce Amorim; DE CARVALHO, Ana Rosa Rebelo Ferreira. **Lesbianidade e psicologia na contemporaneidade: uma revisão sistemática.** *Revista Gênero*. v. 20, n. 1, p. 135-156, 2019.